

DECLARAÇÃO DE QUITO

TODO O EVANGELHO A PARTIR DA AMÉRICA LATINA PARA TODOS OS POVOS

PRÓLOGO

Aos quinhentos anos da chegada dos europeus às Américas, nós, convocados a Quito, Equador, de 24 de agosto a 4 de setembro de 1992, para o III Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE III), expressamos nossa gratidão a Deus por este encontro de evangélicos de 24 países, com sua riqueza de diversas culturas, etnias e línguas. Reunimo-nos sob o lema TODO O EVANGELHO PARA TODOS OS POVOS A PARTIR DA AMÉRICA LATINA, em um momento de grandes mudanças no mundo, que nos propõem sérias perguntas sobre a situação dos povos de nosso Continente.

Confessamos nossa fé em todo o Evangelho de Jesus Cristo conforme as Sagradas Escrituras, irmanados com todas as igrejas evangélicas da América Latina e no mesmo espírito de CLADE I e II. Rêfletimos sobre alguns aspectos do Evangelho em relação com o nosso contexto e o desafio que nos apresenta para nossa participação na missão mundial. Comprometemo-nos a incorporar à prática missionária as conseqüências que surgem das reflexões e testemunhos apresentados neste encontro.

I. TODO O EVANGELHO

1. O Evangelho e a Palavra de Deus

Todo o conselho de Deus e a manifestação do seu Reino nos foram dados a conhecer por meio do Evangelho. As Escrituras registram a revelação de Deus na história por meio de atos concretos. Elas convergem em Jesus Cristo, a expressão plena e definitiva da revelação de Deus. Portanto, a Palavra de Deus é o fundamento e o ponto de partida para a vida, teologia e missão da Igreja.

2. O Evangelho da criação

Deus é o criador de tudo e o que ele criou é bom. Ele criou o ser humano, homem e mulher, à sua imagem, como seres chamados a viver em relação harmônica com seu criador, com seu próximo e com a natureza. Deus os colocou como mordomos responsáveis da criação para o benefício de toda a humanidade. Os seres humanos caíram em pecado e toda a criação sofreu os efeitos dessa queda, ficando cativa de pecado e morte. Mas Deus, em sua soberania, tomou a iniciativa de estabelecer um pacto para reconciliar consigo mesmo os seres humanos e toda a criação, na pessoa e obra de Jesus Cristo. Em Cristo, Deus está restaurando a dignidade humana, transformando as culturas e conduzindo a sua criação à redenção final.

3. O Evangelho do perdão e da reconciliação

Jesus Cristo é o Verbo encarnado, o dom de Deus e o único caminho para chegar a ele. Por meio da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo se oferece perdão ao ser humano, reconciliação e redenção a toda a criação. O arrependimento e a fé são imprescindíveis, como expressão da total dependência de Deus, para receber a salvação. Aqueles que recebem o perdão são feitos filhos de Deus e esta nova relação filial os capacita a obedecer-lhe. A nova vida significa manter e desenvolver esta relação com seu criador. Ela produz uma nova relação com seus semelhantes e com toda a criação, mediada pelo compromisso com o Senhor e baseada na prática do amor, da verdade e da justiça. Deus, em Cristo, cria uma comunidade perdoada e reconciliada e comissionada a ser agente de perdão e reconciliação num contexto de ódio e discriminação.

4. O Evangelho e a comunidade do Espírito

A pessoa do Espírito Santo atua com poder no mundo. Ele o faz primordialmente por meio da Igreja, outorgando-lhe vida, poder e dons para seu desenvolvimento, maturidade e missão. A Igreja, a comunidade de reconciliados com Deus, é enviada ao mundo por Jesus Cristo. Nela se opera uma transformação radical, que evidencia o propósito divino de eliminar toda injustiça, opressão e sinais de morte. Como comunidade do Espírito, a Igreja deve proclamar liberdade a todos os oprimidos pelo diabo e promover uma pastoral de restauração que traga consolo aos que sofrem marginalização, discriminação e desumanização.

5. O Evangelho do Reino de Deus

Com a chegada de Jesus Cristo, o Reino de Deus se fez presente entre nós. O Reino está em conflito constante com o poder das trevas. A luta ocorre nas regiões celestiais e se expressa em toda a criação, a nível pessoal, coletivo e estrutural. A comunidade do Reino, porém, vive firmada na confiança de que a vitória já foi conquistada e de que o Reino de Deus se manifestará plenamente no final dos tempos. Com o poder e a autoridade delegados por Deus, ela assume sua missão neste conflito, para ser agente na redenção de toda a criação. O rei Jesus Cristo se encarnou e convoca sua comunidade a fazer o mesmo no mundo. Segui-lo como seus discípulos significa assumir sua vida e missão.

6. O Evangelho de justiça e poder

O Evangelho revela um Deus justo e poderoso em seu caráter e em suas ações. Por isso a Igreja é chamada a viver segundo a justiça do Reino e no poder do Espírito. Em um mundo caracterizado pelo abuso do poder e o predomínio da injustiça, o testemunho da Igreja confronta os poderes que dominam no presente. Por isso, a proclamação do Reino anuncia a Jesus Cristo e denuncia as forças do mal.

II. A PARTIR DA AMÉRICA LATINA

1. Perspectiva histórica da igreja evangélica

Entre o povo evangélico da América Latina tem havido um despertar de uma consciência missionária em direção a outros continentes. As novas gerações de evangélicos, em geral, porém, desconhecem suas próprias raízes históricas e sua herança protestante. O conhecimento de nossa história é fundamental para evitar erros do passado, recuperar certas marcas distintivas de nossa herança e cumprir o mandato missionário.

Na América Latina e no Caribe o protestantismo tem raízes históricas que datam do século XVI. É parte própria da história da América Latina e não um mero agente estrangeirante que obedece à penetração do imperialismo vigente. Esta afirmação não excusa a igreja evangélica de seus erros históricos e das deformações do Evangelho, em sua chegada e estabelecimento no Continente. É fundamental, pois, examinar quais têm sido as contribuições positivas e negativas da missiologia européia e norte-americana, além das que surgem a partir de nosso Continente.

2. Evangelho e cultura

O Evangelho é pertinente a toda realidade humana, incluindo a cultura, por meio da qual o ser humano transforma a criação. A capacidade de criação cultural é um dom outorgado ao ser humano por Deus, em cuja imagem foi criado. Assim, é importante que a cultura ocupe o lugar que merece em nossa reflexão e prática missiológica.

Durante estes quinhentos anos, nosso Continente tem sido testemunha do desprezo e da destruição sistemática das culturas autóctones em nome da evangelização. É então condenável a sujeição e o ultraje dos quais foram objeto os povos indígenas. Por isso resulta imprescindível buscar a reconciliação entre nossos povos. Por sua vez, temos que reconhecer que toda cultura pode ser um veículo adequado para comunicar fielmente o Evangelho. Da perspectiva do Evangelho, toda cultura deve ser entendida, respeitada e promovida, sem pressupor superioridade de uma cultura sobre outras. É necessário assinalar que toda cultura está afetada pelo pecado, que introduziu a corrupção, os conflitos, o egoísmo e o rompimento das relações entre Deus e sua criação. Portanto, todas as culturas estão sob o juízo da Palavra. O criador não deve ser confundido com sua criação nem com qualquer cultura em particular. A revelação de Deus em Cristo transcende a ambas e entra, por sua vez, em relação com elas a fim de redimi-las.

A missiologia evangélica deverá atuar em dois sentidos. Primeiro, reconhecer, respeitar e dignificar as etnias e suas culturas; segundo, avaliá-las à luz da Palavra, oferecendo a esperança do Evangelho para sua transformação. A fidelidade da Igreja aos propósitos de Deus demanda uma hermenêutica contextual, que permita comunicar fielmente o Evangelho em um diálogo aberto com a cultura. A Igreja deve cumprir sua missão de anunciar a salvação integral à totalidade do ser humano, na realidade em que está arraigada.

3. Identidade evangélica

Como evangélicos, precisamos voltar a valorizar nossas raízes indígenas, africanas, mestiças, européias, asiáticas e crioulas e considerar a pluralidade de culturas e raças que têm contribuído para nos enriquecer. Como igreja latino-americana, confessamos que temos nos identificado mais com os valores culturais de fora do que com os que são autenticamente nossos. Pela graça de Deus podemos nos reencontrar com o mundo sem complexos nem vergonhas, a partir de nossa identidade cultural e evangélica como povo de Deus.

Afirmar nossa identidade evangélica implica reafirmar nosso compromisso com a herança da Reforma. Não significa assumir uma postura acritica a respeito de nossa tradição, doutrinas ou missiologia. Como Igreja, somos chamados a nos reformar permanentemente, à luz das Escrituras como palavra final.

Devemos avaliar os modelos de missão que herdamos do passado ou os importados no presente e buscar novos modelos. Isto implica forjar uma missiologia a partir da América Latina, que leve em consideração as experiências e contribuições das igrejas dos diferentes grupos étnicos e culturais do Continente. Entretanto, a busca de novos modelos não deve levar-nos a fazer concessões quanto à verdade de Jesus Cristo.

Agradecemos a Deus pelos progressos alcançados na unidade das igrejas evangélicas na América Latina e pelas novas formas de cooperação surgidas no cumprimento da missão. Devemos reconhecer, no entanto, que o individualismo e o denominacionalismo têm criado divisões na igreja da América Latina. Confessar a unidade da Igreja em Cristo significa superar as barreiras ideológicas, culturais, sociais, econômicas e denominacionais. Devemos nos abrir a um diálogo construtivo, valorizar as contribuições de cada um, estreitar a comunhão e cooperar na missão. Não é honesto de nossa parte proclamar um Evangelho que reconcilia o mundo se ainda não nos reconciliamos entre nós.

4. Contexto sócio-político

A América Latina, no momento atual, pode ser caracterizada como um Continente em crise. Vários países têm sofrido sob regimes militares repressivos que cometeram graves violações dos direitos humanos. Em outros, muitos anos de guerra civil têm causado enormes perdas humanas e econômicas. A persistência do machismo em nossa cultura faz das mulheres vítimas de formas diversas de discriminação, que impedem sua plena participação na vida social e na cidadania. Profundas divisões sociais e raciais no campo e na cidade, lançam milhões de homens, mulheres, jovens e crianças em condições de extrema pobreza, negando-lhes emprego, alimentação adequada, moradia, saúde e educação, que possibilitam uma vida humana digna.

A democracia puramente formal, a corrupção das instituições do Estado e as inadequadas medidas econômicas neoliberais mostram que o poder não está a serviço de toda a sociedade, especialmente das maiorias empobrecidas. Os pro-

blemas de corrupção, dívida externa, narcotráfico, terrorismo, degradação moral em seus diferentes níveis e desintegração da família, também dilaceram nossos povos.

5. A responsabilidade da Igreja

Diante desta situação, nossa consciência cristã não pode fechar os olhos. O Evangelho do Reino de Deus nos exorta à prática da justiça, consequência intrínseca do perdão e da reconciliação em Jesus Cristo. Nossa fidelidade ao chamado do Evangelho exige que assumamos a responsabilidade cristã nas situações conflituosas de nosso Continente. A Igreja deve afirmar e promover a vida, negada por todo pecado, pelas estruturas injustas e pelos grupos de interesse mesquinho. Em seu meio deve-se pôr fim às diferentes formas de discriminação predominantes na sociedade por razões de sexo, condições econômicas, classe social, nível educacional, idade, nacionalidade e raça. Ela cumpre esta missão seguindo o modelo de Jesus, levando a sério a pergunta de Deus a Caim: "Onde está teu irmão?"

Reconhecemos que a igreja evangélica latino-americana, em geral, não assumiu fielmente esta responsabilidade. Confundiu o mundo ao qual Deus a enviou a servir, com o mundano e pecaminoso, e se isolou dos processos sociais e políticos. Em alguns casos, inclusive, tem chegado a justificar regimes ditatoriais violentos. Isto explica por que alguns evangélicos que têm participado na arena pública pouco ou nada têm conseguido em favor das maiorias. Pelo contrário, têm reduzido sua participação política a satisfazer seus interesses pessoais e a obter certos benefícios para a igreja evangélica.

Ao mesmo tempo, celebramos a tomada de consciência da igreja evangélica quanto à sua responsabilidade social e política e sua crescente participação na sociedade. Diversas entidades evangélicas, igrejas e seus membros em particular participam em projetos de desenvolvimento, na administração pública e em instituições que zelam pelos direitos humanos.

6. A responsabilidade do cristão

A proclamação de todo o Evangelho compromete-nos a um trabalho criativo que visa desenvolver mais e melhores meios de participação na sociedade. A certeza do triunfo final de Jesus Cristo, garantida por sua ressurreição, nos desafia a contribuir construtivamente, ainda que os resultados não sejam definitivos. Nosso compromisso com Jesus Cristo como o único mediador da paz de Deus fundamenta a convicção de que sua obra redentora é pertinente a todo conflito e sofrimento humano.

A participação responsável na cidadania demanda a formação de líderes guiados por uma vocação cristã de serviço. A Igreja deve afirmar que cada aspecto da vida nacional é um campo de ação legítimo para o serviço cristão. Deve prover elementos formativos e acompanhamento pastoral para os que têm vocação política. Ao mesmo tempo é necessário que a Igreja assuma sua função profética para denunciar, entre outras coisas, o abuso do sexo, a manipulação dos meios de co-

municação e o endeusamento do Estado, do dinheiro e da violência de qualquer origem. Ela o faz legitimamente quando manifesta em sua própria existência a vida de amor, justiça e paz que é possível mediante a obediência à Palavra e mediante o poder do Espírito de Deus. O exercício da liderança na vida das igrejas locais deverá estar marcado pelo modelo do Servo sofredor e mostrar um contraste com o caudilhismo e outras deformações causadas pelo abuso do poder.

A prática tem demonstrado que as igrejas locais podem responder às necessidades de suas comunidades na medida de seus recursos. Estão sendo desenvolvidos projetos que mostram a possibilidade de transformação a partir de iniciativas e recursos locais que promovam a valorização da dignidade das pessoas e dos povos. Vemos aqui um desafio a ser levado a sério por todo o povo evangélico. O poder do Evangelho e a conseqüente ação das igrejas evangélicas poderão permeiar e transformar as condições de injustiça e desigualdade que predominam hoje na América Latina.

III. A TODOS OS POVOS

1. A universalidade da missão

Deus cumpriu sua promessa de prover um redentor para todo o mundo. O propósito de Deus é que todos os seres humanos sejam salvos por meio da fé em Jesus Cristo. A suficiência e a universalidade de Jesus Cristo constituem a essência do Evangelho. O caráter universal da fé cristã e a confissão do senhorio de Cristo conferem à Igreja sua dimensão missionária. Em conseqüência, a Igreja é enviada ao mundo para viver e ser mensageira da universalidade do Evangelho.

O propósito divino e a universalidade do Evangelho não significa que todos os caminhos e opções sejam válidos para obter a salvação de Deus. As práticas ritualistas ou sacramentalistas, que expressam a intenção de alcançar a justificação pelas obras, são alheias ao propósito revelado por Deus nas Escrituras. A verdade única do Evangelho e sua ética conseqüente opõem-se a todo universalismo e relativismo que considerem como igualmente válida toda experiência religiosa.

2. Toda a Igreja é missionária

Toda a Igreja é responsável pela evangelização de todos os povos, raças e línguas. Uma fé que se considera universal, mas que não é missionária, transforma-se em retórica sem autoridade e se faz estéril. A afirmação de que toda a Igreja é missionária baseia-se no sacerdócio universal de todos os cristãos. É para o cumprimento desta missão que Jesus Cristo dotou sua Igreja de dons e do poder do Espírito Santo.

3. Missão Integral

A visão, ação e reflexão missionária da Igreja devem fundamentar-se no Evangelho, que, quando compreendido em sua integridade, é proclamado em palavra e obra e se dirige a todo o ser humano. Nossa missiologia deve ser feita a partir da Palavra e de nossa realidade latino-americana, em diálogo com outras mis-

siologias, buscando superar as deformações ou dicotomias que podem ter afetado o Evangelho que recebemos. Isto demanda também uma compreensão dos novos desafios que o mundo atual apresenta, tais como a globalização, a pós-modernidade, o ressurgimento do racismo, os esoterismos e a crescente deterioração ecológica.

4. A nova consciência missionária na América Latina

O Espírito Santo tem feito surgir na América Latina uma nova consciência missionária. A prática missionária do passado soma-se uma crescente disposição para assumir a responsabilidade da Igreja, em obediência à Palavra, a partir da América Latina. Nos últimos anos têm aumentado as oportunidades de formação e envio de missionários para outros continentes e contextos. Entretanto, as novas possibilidades que abre tal atividade missionária devem levar-nos a uma avaliação de modelos e experiências e a uma contínua correção destes à luz da Palavra de Deus.

5. O estilo encarnacional da missão

A encarnação é o modelo para a missão da Igreja. Em sua encarnação, Jesus identificou-se com a humanidade pecadora, solidarizou-se com ela em suas aspirações, angústias e debilidades e a dignificou como criatura feita à imagem de Deus. A Igreja é chamada a encarnar sua missão ao estilo de Jesus. Este cumprimento demanda cruzar fronteiras geográficas, culturais, sociais, linguísticas e espirituais, com todas as suas conseqüências. Em todo o mundo, o crescimento das grandes cidades e de suas maiorias empobrecidas constitui um desafio de especial urgência. Para responder a todos estes desafios é necessário reconsiderar o modelo do Novo Testamento, usar adequadamente as ciências sociais e humanas e refletir sobre a prática. É também indispensável a formação espiritual que capacita o missionário para a santidade e humildade que possibilitam o respeito e a valorização de outras línguas e culturas e a fidelidade ao Evangelho.

6. A urgência da missão

A igreja na América Latina deve assumir plenamente e sem tardar sua responsabilidade na evangelização mundial. Deve criar e promover centros de formação em cada país, com programas adequados de capacitação para a missão local e transcultural. A estrutura de toda a educação teológica deve ser revisada à luz do imperativo missionário. O avanço missionário sempre tem surgido da vitalidade espiritual em momentos de renovação. Para ser missionária, a Igreja na América Latina deve renovar sua dependência do Espírito e entregar-se à oração. Assim poderá responder ao desafio de proclamar **todo o Evangelho a partir da América Latina para todos os povos da terra.**

CONCLUSÃO

Louvamos a Deus pelo privilégio que nos concedeu de assistir ao III Congresso Latino-americano de Evangelização, neste momento crítico da história de

nossos povos. Tal privilégio nos move a renovar nosso compromisso com nosso Senhor Jesus Cristo e com sua Igreja, como portadora da boa nova do Reino de amor e de justiça que Ele veio estabelecer. Humildemente nos encomendamos a Deus para que Ele, por meio de seu santo Espírito, ponha em nós o propósito de agradá-lo em tudo, segundo sua boa vontade. "Ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém."